

Região sem indicadores de frio fora do normal

Daíza de Carvalho

Replicada nas redes sociais, a informação de que o Brasil terá o inverno mais rigoroso dos últimos anos não condiz com as tendências do clima que podem ser previstas. O primeiro fato a derrubar a suposição é que não é possível fazer uma previsão com tanta antecedência. Outro é que o fenômeno La Niña, que poderia viabilizar esta condição, tende a perder força.

Quem explica é a pesqui-

sadora do **Cepagri/Unicamp**, Priscila Coltri. Ela esclarece que o **Cepagri** segue a previsão climática do CPTEC/INPE, que não tem indicadores de que a região, ou outras do Brasil, tenham frio mais intenso do que o esperado. "Teremos frentes frias porque são normais para a época. Mas essas condições e sua intensidade podem ser previstas entre quatro e cinco dias de antecedência. De forma mais certa, a dois dias", explica.

Considerando as temperaturas de 1990 a 2017, as médias mínimas aferidas pelo **Cepagri** são de 14°C em maio, 12,3°C em junho, 11,3°C em julho e 13°C em agosto. Ou seja, podem ser registradas temperaturas acima e abaixo, considerando que as mínimas absolutas ocorrem geralmente pouco antes de o sol nascer. Já as médias máximas nesses meses são em torno de 25°C.

Ela salienta que o clima pode, de fato, variar, mas não

é possível prever com meses de antecedência. O La Niña, fenômeno atmosférico de resfriamento das águas do Pacífico, que pode interferir no padrão climático de alguns locais, foi responsável pelo verão mais chuvoso no Sul, mas a tendência de perda de intensidade indica que não deve influenciar nas temperaturas do inverno, que só chega em junho. "Por enquanto, a situação é de normalidade para o trimestre entre abril e junho", reforça.